EXPERIÊNCIA DOCENTE E ACADÊMICA NO IV ENCONTRO CONTINENTAL DE ESTUDOS AFRO-LATINO-AMERICANOS

AN ACADEMIC AND TEACHING EXPERIENCE AT THE IV CONTINENTAL CONFERENCE ON AFRO-LATIN AMERICAN STUDIES

Renan Gomes de Moura[1]

[1] **Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO.**

Eixo Temático: 04

RESUMO

A experiência relatada refere-se à participação no IV Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos, realizado entre 22 e 24 de julho de 2026, na cidade de Cali, Colômbia, organizado pelo Afro-Latin American Research Institute da Harvard University, em parceria com a Universidad Icesi. A participação ocorreu por meio da apresentação de trabalho e da moderação de sessão temática dedicada às relações entre racismo, biopolítica, saúde pública e cuidado desde perspectivas afro-diaspóricas. A experiência possibilitou ampliar redes acadêmicas e, sobretudo, refletir sobre a importância da internacionalização como estratégia de aproximação entre pesquisadores que investigam as relações raciais em diferentes países latino-americanos. O contato com produções e experiências de pesquisadores brasileiros, colombianos e de outros países da região evidenciou que fenômenos como racismo, desigualdade, invisibilização da população negra, disputas territoriais e produção de políticas públicas não podem ser compreendidos exclusivamente a partir de fronteiras nacionais. A experiência também permitiu reconhecer a existência de diferentes formas de nomear e enfrentar problemas que possuem raízes históricas compartilhadas na colonização e na diáspora africana. Conclui-se que a internacionalização acadêmica pode ultrapassar a circulação individual de pesquisadores e constituir uma estratégia de produção de conhecimento regional, capaz de aproximar agendas de pesquisa e fortalecer uma perspectiva latino-americana sobre raça, gênero, saúde e desigualdades.

Palavras-chave: Internacionalização. Relações Étnico-Raciais. América Latina. População Negra. Educação Superior.

ABSTRACT

The experience reported refers to participation in the IV Continental Conference on Afro-Latin American Studies, held from July 22 to 24, 2026, in Cali, Colombia, organized by the Afro-Latin American Research Institute at Harvard University, in partnership with Universidad Icesi. Participation took place through the presentation of a paper and moderation of a thematic session dedicated to the relationships between racism, biopolitics, public health, and care from Afro-diasporic perspectives. The experience made it possible to expand academic networks and, above all, to reflect on the importance of internationalization as a strategy for bringing together researchers who investigate racial relations in different Latin American countries. Contact with research and experiences from Brazilian, Colombian, and other researchers in the region demonstrated that phenomena such as racism, inequality, the invisibilization of Black populations, territorial disputes, and public policy-making cannot be understood exclusively within national borders. The experience also made it possible to recognize different ways of naming and confronting problems that have historical roots shared through colonization and the African diaspora. It is concluded that academic internationalization can go beyond the individual circulation of researchers and constitute a strategy for producing regional knowledge, capable of

bringing research agendas together and strengthening a Latin American perspective on race, gender, health, and inequalities.

Keywords: Internationalization. Ethnic and Racial Relations. Latin America. Black Population. Higher Education.

INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior costuma ser associada à mobilidade acadêmica, à participação em eventos científicos, à publicação em periódicos estrangeiros e à constituição de redes de colaboração entre instituições de diferentes países. Embora essas dimensões sejam importantes, a internacionalização pode produzir efeitos mais profundos quando permite que pesquisadores confrontem suas próprias categorias de análise com experiências intelectuais e sociais construídas em outros contextos.

Essa questão assume particular importância para os estudos sobre raça na América Latina. As diferentes sociedades latino-americanas foram constituídas por processos históricos atravessados pela colonização, pela escravização de populações africanas, pela produção de hierarquias raciais e pela construção de projetos nacionais que, em diferentes momentos, procuraram invisibilizar ou subalternizar populações negras e indígenas. Aníbal Quijano argumenta que a ideia de raça constituiu um dos eixos fundamentais da matriz colonial de poder, ultrapassando o período formal do colonialismo e permanecendo estruturante das relações sociais latino-americanas.[1]

A contribuição de Quijano é particularmente importante porque permite deslocar a compreensão do racismo de uma questão exclusivamente nacional para uma estrutura histórica que atravessa a própria formação da América Latina.[1] Nesse sentido, estudar raça no Brasil sem estabelecer diálogos com outros países da região pode produzir uma compreensão excessivamente localizada de fenômenos que possuem conexões históricas mais amplas.

Peter Wade, ao analisar raça e etnicidade na América Latina, também demonstra a necessidade de compreender como categorias raciais assumem diferentes significados de acordo com os contextos nacionais, ao mesmo tempo em que permanecem relacionadas às experiências históricas da região.[2] O autor chama atenção justamente para a complexidade das classificações raciais latino-americanas e para a necessidade de compreender raça em relação às histórias nacionais, às relações de poder e às experiências da população negra.

Essa perspectiva não significa afirmar que Brasil, Colômbia, Cuba, México ou qualquer outro país latino-americano vivenciem o racismo da mesma maneira. Pelo contrário, aproximar diferentes experiências permite perceber tanto aquilo que compartilhamos quanto aquilo que nos diferencia. É justamente nessa tensão que a internacionalização pode produzir conhecimento: não para homogeneizar experiências, mas para colocá-las em relação.

Lélia Gonzalez já havia produzido uma contribuição fundamental para essa discussão ao questionar a fragmentação das experiências negras nas Américas e propor uma leitura que reconhecesse a existência de processos históricos e culturais compartilhados na diáspora africana.[3] Ao elaborar a noção de Améfrica Ladina, Gonzalez desloca o olhar para além das fronteiras nacionais e evidencia a necessidade de pensar a experiência negra a partir das conexões produzidas no continente.[3]

Rita Segato, por sua vez, chama atenção para a persistência da colonialidade na constituição das relações de raça e gênero na América Latina.[4] Para a autora, compreender os efeitos contemporâneos da colonialidade exige considerar como raça, gênero, território e poder se articulam historicamente.[4] Esse argumento é especialmente relevante para pesquisas que procuram compreender desigualdades sociais sem separar artificialmente suas diferentes dimensões.

Foi nesse contexto que ocorreu a participação no IV Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos, realizado em Cali, Colômbia, entre 22 e 24 de julho de 2026. O encontro foi promovido pelo Afro-Latin American Research Institute (ALARI), em parceria com o Center for Afrodiasporic Studies da Universidad Icesi, reunindo pesquisadores, estudantes, ativistas, artistas e formuladores de políticas públicas de diferentes países.

A participação no evento foi compreendida não apenas como oportunidade de divulgação da produção acadêmica, mas como uma experiência de internacionalização capaz de produzir deslocamentos na própria forma de pensar a pesquisa. O objetivo deste relato é descrever e refletir sobre a experiência de participação no IV Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos, destacando a internacionalização acadêmica como possibilidade de aproximação entre pesquisas sobre raça na América Latina e de construção de agendas de conhecimento que ultrapassem fronteiras nacionais.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu durante a participação no IV Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos, realizado na cidade de Cali, Colômbia, em julho de 2026. O encontro constituiu um espaço continental de circulação de pesquisas, experiências e debates relacionados às populações afro-latino-americanas. Segundo a organização, a programação reuniu cerca de 1.600 participantes em aproximadamente 300 painéis, mesas-redondas e atividades culturais, envolvendo temas como afrofeminismos, justiça ambiental, história, educação, políticas públicas e artes.

A participação ocorreu em duas frentes. A primeira foi a apresentação do trabalho “Populações sob Gestão: Biopolítica, HIV e Desigualdades Raciais no Brasil”**,** no qual foram discutidas relações entre políticas de saúde, HIV, biopolítica e desigualdades raciais. A segunda foi a atuação como moderador da sessão **“**Racismo, Biopolítica e Cuidado: Saúde Pública desde Perspectivas Afro-diaspóricas”**.** A própria composição da sessão já produziu um primeiro deslocamento importante. A discussão sobre saúde pública e racismo deixou de estar circunscrita ao Brasil e passou a ser colocada em diálogo com outras experiências afro-diaspóricas. Essa mudança de escala permitiu perceber que determinadas questões investigadas no contexto brasileiro encontram correspondência em outros países, ainda que sejam atravessadas por diferentes histórias nacionais, regimes políticos e formas de classificação racial.

O contato com pesquisadores de diferentes países permitiu perceber, por exemplo, que a invisibilidade da população negra nas políticas públicas, as desigualdades no acesso à saúde, as relações entre território e raça e a disputa pela produção de narrativas sobre as populações afrodescendentes constituem problemas que atravessam diferentes sociedades latino-americanas. Essa percepção dialoga com a própria definição do campo dos Estudos Afro-Latino-Americanos apresentada pelo ALARI. O campo não se restringe ao estudo das populações de ascendência africana, mas compreende também a análise das sociedades nas

quais essas populações vivem, considerando a negritude e a raça como categorias de diferenciação, estratificação e desigualdade e como elementos importantes dos processos de formação nacional.

A experiência em Cali permitiu perceber concretamente o potencial dessa perspectiva. Ao ouvir pesquisadores que trabalhavam com experiências colombianas e de outros países, tornou-se possível identificar problemas semelhantes aos encontrados no Brasil, mas também perceber que as respostas institucionais, as formas de organização política e as categorias utilizadas para nomear a população negra nem sempre são iguais. Essa constatação é importante porque impede que a aproximação latino-americana seja construída pela simples transferência de categorias brasileiras para outros contextos. A internacionalização, nesse sentido, não significa levar um conhecimento produzido no Brasil para ser aplicado em outros países. Significa construir condições para que diferentes conhecimentos possam se confrontar.

Foi justamente nesse confronto que a experiência adquiriu maior relevância. Algumas questões que, no contexto brasileiro, pareciam particulares começaram a ser percebidas como parte de processos históricos mais amplos. Ao mesmo tempo, experiências apresentadas por pesquisadores de outros países permitiram questionar pressupostos presentes na própria pesquisa desenvolvida no Brasil. Essa experiência pode ser compreendida a partir da discussão de Aníbal Quijano sobre colonialidade do poder. Se a classificação racial constituiu uma dimensão estruturante da formação da América Latina,[1] torna-se insuficiente analisar as desigualdades raciais exclusivamente dentro das fronteiras nacionais. O diálogo continental permite investigar como uma mesma matriz histórica assumiu diferentes formas em sociedades distintas.

A contribuição de Lélia Gonzalez também ganha força nesse processo. Ao propor a categoria Améfrica Ladina, Gonzalez desloca a compreensão da experiência negra para uma perspectiva que reconhece as conexões históricas, culturais e políticas produzidas na diáspora.[3] A experiência em Cali permitiu transformar essa formulação teórica em uma experiência concreta: pesquisadores de diferentes países, com trajetórias distintas, discutindo problemas que frequentemente possuem raízes históricas comuns. Ao mesmo tempo, a experiência revelou que a América Latina não deve ser pensada como um espaço homogêneo. Peter Wade demonstra que as relações raciais assumem configurações específicas nos diferentes países latino-americanos, sendo necessário considerar os modos particulares pelos quais raça, mestiçagem, identidade e desigualdade foram historicamente construídos.[2] Assim, aproximar pesquisas não significa apagar diferenças, mas produzir condições para compreendê-las em relação.

A experiência de internacionalização também ocorreu fora dos espaços formais de apresentação dos trabalhos. As conversas estabelecidas nos intervalos, nas mesas, nas atividades acadêmicas e nos encontros informais possibilitaram a identificação de interesses de pesquisa comuns e a aproximação com pesquisadores que desenvolvem investigações sobre raça, gênero, saúde, religião, território e desigualdades. Essa dimensão é particularmente importante porque a internacionalização não acontece apenas quando um trabalho é apresentado em outro país. Ela acontece também quando se estabelecem relações que podem resultar em novas perguntas de pesquisa, projetos conjuntos, circulação de estudantes, produção de artigos e construção de redes acadêmicas.

Nesse sentido, a experiência permitiu compreender que internacionalizar a pesquisa sobre relações raciais implica também desprovincializar o próprio olhar. Muitas vezes, a produção

acadêmica brasileira sobre raça estabelece diálogos prioritariamente com autores norte-americanos e europeus, enquanto experiências intelectuais produzidas por pesquisadores de outros países latino-americanos permanecem menos presentes nas bibliografias e nos debates acadêmicos nacionais. A participação no encontro evidenciou o quanto essa aproximação pode ser produtiva. A existência de problemas compartilhados não significa que os países apresentem respostas iguais. Ao contrário, as diferenças entre as experiências nacionais podem constituir justamente uma fonte importante de produção de conhecimento.

Nesse aspecto, a internacionalização assume uma dimensão epistemológica. Não se trata apenas de ampliar a circulação do pesquisador brasileiro, mas de questionar a própria hierarquia dos conhecimentos que orientam as pesquisas sobre raça. A experiência em Cali possibilitou perceber que uma agenda latino-americana de estudos raciais pode ser produzida a partir do diálogo horizontal entre pesquisadores da região. Essa perspectiva também se relaciona à crítica decolonial de Quijano e às reflexões de Segato sobre colonialidade.[1,4] Se a colonialidade produziu hierarquias não apenas entre povos, mas também entre formas de conhecimento, a construção de redes latino-americanas pode constituir uma estratégia para enfrentar essas hierarquias e ampliar os interlocutores com os quais produzimos nossas pesquisas.

A experiência, portanto, ultrapassou o caráter de participação em um evento científico internacional. O deslocamento para Cali significou também um deslocamento intelectual: olhar para o Brasil a partir da América Latina e olhar para a América Latina a partir das experiências brasileiras. Esse movimento reforçou a compreensão de que os estudos sobre raça precisam estabelecer diálogos mais sistemáticos dentro da própria América Latina. Brasil e Colômbia, por exemplo, possuem histórias distintas, mas também compartilham experiências relacionadas à escravização, à presença de populações afrodescendentes, às desigualdades raciais, às disputas territoriais e à luta pelo reconhecimento político e cultural das populações negras. Estudos recentes que aproximam os dois países demonstram, inclusive, como processos de construção racial e de visibilidade estatística podem ser comparados, sem desconsiderar suas especificidades nacionais.[5] A experiência vivenciada em Cali, nesse sentido, produziu uma compreensão mais ampla da internacionalização: internacionalizar não significa apenas sair do país; significa produzir condições para que nossas perguntas deixem de ser exclusivamente nacionais.

CONCLUSÃO

A participação no IV Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos constituiu uma experiência de internacionalização acadêmica que ultrapassou a apresentação de uma pesquisa em um evento estrangeiro. A experiência permitiu estabelecer diálogos com pesquisadores de diferentes países e perceber que questões relacionadas ao racismo, à desigualdade, à saúde, ao território, à identidade e às populações afrodescendentes atravessam diferentes sociedades latino-americanas. Ao mesmo tempo, evidenciou que essas experiências não podem ser simplesmente homogeneizadas, pois assumem configurações específicas em cada contexto nacional. A principal contribuição da experiência foi, portanto, perceber a internacionalização como possibilidade de colocar diferentes experiências raciais latino-americanas em relação.

A experiência também reforçou a necessidade de ampliar a integração entre os estudos sobre raça produzidos na América Latina. Em diálogo com Quijano, Gonzalez, Wade e Segato, compreende-se que as relações raciais na região possuem dimensões históricas conectadas,

ainda que assumam formas distintas.[1–4] Nesse sentido, a construção de redes acadêmicas latino-americanas pode contribuir para uma produção científica menos dependente de interlocuções exclusivamente norte-americanas ou europeias e mais atenta aos conhecimentos produzidos no próprio continente. A continuidade dessa experiência pode ocorrer por meio da ampliação das redes de pesquisa, da construção de projetos colaborativos e da circulação de estudantes e pesquisadores, fortalecendo uma agenda de estudos sobre raça que reconheça a América Latina não apenas como objeto de pesquisa, mas como espaço de produção de teoria e conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Quijano A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. Espacio Abierto. 2019;28(1):255-301.
2. Wade P. Race and ethnicity in Latin America. 2nd ed. London: Pluto Press; 2010.
3. Gonzalez L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar; 2020.
4. Segato RL. The critique of coloniality: eight essays. London: Routledge; 2021.
5. Viáfara López CA, Santos Y. Rises and declines in the Afro-descendant population in Latin America: the experiences of Colombia and Brazil in the 2018 and 2022 censuses. Brazilian Journal of Latin American Studies. 2024;23(46):1-20.